

AMARAL, Lincoln. *Trilogia Amazônica: Hipócrates, o xamã e o escriba*. São Carlos: Edufscar, 2013.

### **Resenha do livro *Trilogia Amazônica: Hipócrates, o xamã e o escriba***

Lincoln Amaral<sup>1</sup>

O conteúdo desse livro – *Trilogia Amazônica: Hipócrates, o Xamã e o Escriba* – de minha autoria, é apresentado no próprio título. Um médico, um feiticeiro e um escritor serão formados ao longo da trama, em travessias que correm paralelas, mas que ao mesmo tempo vão se anunciando convergentes.

O ponto fulcral da convergência é também de antemão anunciado. Trata-se da Floresta Amazônica, cuja história será trazida à luz e convertida em metonímia da grande protagonista deste trabalho: a vastidão da natureza, em sua respiração vertiginosa, entrecortada pela violência do homem, e, no entanto, sempre de maior alcance, soberana, indevassável.

Na travessia do Xamã, a cultura indígena, em sua estreita ligação com os ciclos naturais, destaca-se e se impõe, por meio de um narrador-autor que sistematicamente a “traduz”.

Palavras e expressões indígenas que correspondem a costumes, rituais e outros aspectos do cotidiano vêm à tona para nos convocar a relativizar classificações rígidas, parciais e fragmentárias.

No lugar delas, os personagens da aldeia Kaxinawá nos fazem experimentar a ausência de fronteiras, a possibilidade de compreendermos que as oposições binárias não devem suprimir um de seus termos fundantes, mas integrá-lo ao outro, de modo que vida e

---

<sup>1</sup> Biólogo e doutorando na Universidade de São Paulo – Departamento de Línguas Orientais – Estudos Judaicos (orientação: Berta Waldman) – Membro do grupo de pesquisa: Presença judaica na literatura brasileira – USP.

morte, natureza e cultura, matéria e espírito sejam vistos como prismas de um mesmo reino sagrado justamente porque não apresenta cisões. É anterior a elas, espécie de paraíso de onde emanam fontes de sentido perdidas ao longo do chamado processo civilizatório.

Na verdade, essa dicotomia entre o que denominamos primitivo e o que denominamos civilizado constitui a chave que reúne as histórias, mesmo antes do momento do enredo em que elas, de fato, se interpenetram.

Assim, enquanto a referida aldeia é ameaçada por um estrangeiro que quer se apropriar de suas riquezas medicinais, um médico iniciará a longa trajetória para se formar, dividido entre servir a humanidade, a partir da herança que recebe de uma feiticeira conhecedora do dom de curar, e usar aquele conhecimento para obter prosperidade.

Concomitante com sua história, há a do guerrilheiro que acompanha os últimos dias da luta de Che Guevara, para expandir para a América Latina a Revolução Cubana.

Em princípio, esse personagem tem peso maior que os outros, na medida em que se transformará no escriba, ou seja, na voz que testemunhou o sangrento fim da guerrilha e cuja função é não deixá-la cair no esquecimento.

No entanto, Demétrio, o médico, que foi torturado durante o regime militar, também denuncia as iniquidades ocorridas na época que aos poucos vai-se tornando opaca para as novas gerações.

As décadas de 60 e 70, com suas revoluções heroicas e suas quedas trágicas, constitui o eixo temporal do livro. Seu eixo espacial é o Brasil, no contexto da América Latina, e, mais precisamente, da Amazônia, destino de todos os personagens e ponto de convergência do romance.

Ao finalizar com a história do Acre e seus seringueiros, sua política devastadora como são todas aquelas que arrancam e destroem o que é propriedade da Terra e de seus habitantes primais, o romance consolida aquele que tudo indica ser o seu grande projeto, a força de escrever-se com seus múltiplos narradores.

Tais narradores, sendo ou não personagens, ecoam o tom arrebatado de quem quer e precisa gritar que o mundo pode ser diferente, pode ser melhor. E apostam nisso, na medida em que, relatando as ignomínias do passado recente em nosso país e em seu contexto histórico-político e cultural, ao mesmo tempo registra elementos fundantes, imprescindíveis, garantidores de alguma possibilidade concreta de transformação. Com cenas de amor e de

beleza, eróticas, plásticas, musicais, ora extremamente ternas, ora terrivelmente violentas, que perpassam a obra, fundindo o profano e o sagrado, a vida e a morte, a eternidade da natureza, com a qual conjugamos em alguns momentos epifânicos, e nossa iniludível percibibilidade.

